



PARTICIPAÇÃO ATIVA DO PAIS NA ARTE DE CONTAR HISTORIAS

Rivaldo Jose de Moura ¹

Resumo: Este artigo relata a importância dos pais na arte de contar histórias para os filhos. Ler histórias para as crianças é suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas. É estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar....Afim, tudo pode nascer de um texto.

Palavras-chave: histórias, pais, filhos.

Abstract: This article describes the importance of parents in the art of storytelling for children. Read stories to children is to raise the imagination, is to have a curiosity for many answered questions. It is stimulating to design, to music, to theatricalize to play... . After all, everything can be born of a text.

Keywords: stories, parents, children

1. Introdução

Na formação de todas as crianças é importante ouvir muitas histórias contadas pelos pais. Escutar histórias é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser um leitor é ter todo um caminho de descobertas e de compreensão do mundo, absolutamente infinito.

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, rico, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens com a idéia do

¹ Aluno do curso de pós-graduação em Psicopedagogia da Faculdade Don Domênico.
Email: river-moura@hotmail.com



conto ou com o jeito de escrever de um autor, e então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação.

2. O hábito de leitura

Ter um hábito significa ter uma disposição duradoura, ou seja, ter uma coisa como necessária por muito tempo. Acrescente-se a essa definição que geralmente essa disposição é adquirida pela repetição freqüente de um determinado costume.

Partindo dessa definição, vamos considerar que a leitura eventual não é um verdadeiro hábito de leitura. A leitura deve, sim, ter uma presença constante na vida da pessoa.

Considerando ainda que um hábito é adquirido, não se nasce com ele, concluímos que é fundamental o incentivo à leitura, para que o hábito de leitura seja adquirido pela criança.

Um paralelo muito interessante entre o hábito alimentar e o hábito de leitura é feito por Luciana Sandroni:

a criança comerá o que sua família ou grupo social come. Até mesmo nesse nosso permanentemente mal-nutrido Terceiro Mundo esse hábito é verdadeiro. A criança com fome chega a rejeitar um alimento que não faz parte dos seus hábitos.

Sem um contexto familiar fica muito difícil formar o hábito de ler. Para piorar, sabemos que o homem pode viver sem ler, mas, por outro lado, sabemos também que depois que os sons emitidos pelos seres humanos foram transformados em sinais gráficos, ou seja, escritos, o homem e toda a humanidade se enriqueceram culturalmente, porque estavam criadas as condições para que os conhecimentos adquiridos fossem guardados, acumulados e, principalmente, transmitidos a outros seres humanos e às novas gerações.



Então, podemos concluir, a partir desse fato, que é muito importante para o homem saber ler. E que, para a humanidade avance, é necessário não apenas decifrar o código escrito, mas, a partir dele, elaborar novos pensamentos.

Outro conceito interessante a considerar sobre o hábito de leitura é a forma de comunicação que se estabelece entre leitor/escritor. O escritor produz um texto que é seu pensamento impresso. O leitor é quem, de alguma forma, interessou-se pelo texto, e que vai fazer sua própria leitura e dar uma interpretação a esse texto que pode ser igual ou diferente à que o próprio escritor tem para si. Enfim, o texto foi escrito por uma determinada pessoa, mas como a leitura é uma atividade individual, sem intermediários, que mobiliza a capacidade de uma pessoa, torna-se também uma atividade praticamente tão criadora como escrever.

Uma primeira regra a estabelecer é que deve ser respeitado o nível de aprendizado de quem está apreendendo a ler, ou seja, de quem está ainda adquirindo o hábito de leitura. Exatamente por isso, os livros são classificados por faixas etárias, que é uma indicação para as diferentes fases da evolução da aquisição da capacidade de leitura. É por isso que existe uma produção específica destinada às crianças, e que recebe o nome de literatura infantil.

Entretanto, essa realidade, de possuir pais leitores, não é verdadeira para a maioria da população. Geralmente, motivos socioeconômicos dificultam o acesso à leitura. Daí a escola ser considerada um local onde a criança pode ser incentivada à leitura, até adquirir esse hábito.

3. Despertando o desejo de ler

Inicialmente, devemos considerar que qualquer tipo de atividade humana envolve algum tipo de leitura, seja a leitura das formas, das cores, dos sinais, ou das letras. Todas têm por objetivo um texto. O texto é, pois, sempre um recorte de uma imensa rede de relações que está em permanente interação. Por outro lado, quando falamos da leitura das letras, é preciso criar um ambiente favorável à leitura, em que se tenha plena consciência das vantagens de se ler. Para isso, entretanto, será necessário despertar o desejo de ler. E esse é um trabalho que os pais podem realizar satisfatoriamente.



Para escolher um livro segundo Yunes² alguns pressupostos devem ser levados em conta:

- a) motivação para participar;
- b) consciência do que busca;
- c) informação prévia para optar
- d) alternativas de escolha efetivas; e
- e) liberdade (que deve ser interpretada como condição de escolher).

No processo de formação das crianças, os interesses dos pais e professores em geral prevalecem sobre os gostos delas. E, para piorar, nem sempre o ambiente para a aquisição do hábito de leitura é favorável. De nada adianta uma discussão sobre a importância de ler, pois a criança precisa mesmo é de uma experiência prazerosa de leitura.

E, para concluir, para que a criança possa ter prazer de ler é preciso que tenha liberdade de escolha, no sentido de ter acesso a uma ampla gama de títulos e autores e orientações seguras a respeito delas. As fábulas são excelentes alternativas para a leitura entre as crianças da Educação Infantil. São histórias curtas, em que animais e outros seres fantásticos tomam a perspectiva humana sobre a vida, mas num mundo fantástico irreal. E por isso que as fábulas, por mais anacrônicas que possam parecer, não perdem espaço na literatura, pois proporcionam uma reflexão dos leitores sobre seus próprios comportamentos e sentimentos.

Além disso, as fábulas contam com histórias bastante concisas, sempre com diálogos curtos e diretos, o que facilita muito sua compreensão. As fábulas sempre trazem consigo uma moral da história, ou seja, um “ensinamento” ao leitor sobre o comportamento humano, com um objetivo claro de lhe servir como uma alerta.

4. Natureza da narração oral

Cabe dizer que contar histórias não é só narrar contos, no sentido restrito do termo. É também narrar fábulas, lendas, mitos, capítulos de novelas e romances, desde

² YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo, FTD, 1988.



que apresente uma estrutura seqüencial completa. Como a maioria dos textos que tratam do assunto, com a palavra conto, englobamos aqui as diferentes categorias.

A narração oral tem o poder de evocar emoções, transportar a imaginação, de tornar real a fantasia. É uma arte que se conserva viva, à medida que viabiliza pela palavra, em sua condição mais simples, a oralidade e a memória mundo.

A narração oral e a declamação se nutrem da poesia, mas é imprescindível não confundir ambas as expressões. O contador de histórias não trabalha com poema, e sim prosa. Não se pode, como o declamador, repetir de forma tão idêntica a atuação; cada ocasião implica sempre numa experiência espontânea, natural, com ênfase, cortes e encaixes especiais na narração básica. Nada impede, no entanto, que uma seqüência narrativa se apresente com a estrutura do poema, vem versos e rimas. O ator centra sua atividade no ato da representação, - mesmo quando considera a existência real do público; sua forma é a encenação. No caso do contador de histórias, a opção fundamental! é a de narração, e prepondera a presença específica do ouvinte e a comunicação. Por isso, no primeiro caso, os diálogos predominam, e no segundo fortalece o estilo indireto.

O contista escreve contos e o contador narra contos. O contador de histórias sintetiza o relato, lhe dá força e... vida! O contista possui só as palavras para apresentar os acontecimentos, o contador de histórias dispõe de voz, gestos, pausas, silêncios, movimentos, expressões. O conto escrito é concebido para ser produzido e consumido na intimidade, em diferentes momentos; a narração oral é concebida para ser compartilhada.

5. Aspectos Técnicos da Contação

5.1. O olhar

É fundamental olhar nos olhos da crianças, como se estivesse contando para aquele ouvinte: o olhar estabelece a comunicação imediatamente. Não se deve flutuar sobre os ouvintes ou passar roçando em todos e em ninguém: o olhar do contador deve a ter-se aos olhos das pessoas, sem exagerar, para não perturbá-las.



5.2. A voz

Diremos somente que é requisito cuidar da dicção - ela ser impecável, pronunciando-se todas as letras de cada palavra: evitar falar muito lento, para não adormecer as crianças, mas, também, não tão rápido, para não adormecer as palavras. Falar alto para ser ouvido sem esforço por todos. As pausas são necessárias, cuidando sempre para que não sejam prolongadas. As inflexões, mudanças, entonações, jogos de voz enriquecem a narração. Ao contrário, uma voz monótona desvia o interesse; o tempo psicológico do conto tem mais peso que o tempo cronológico.

5.3 Diálogo

É muito importante começar com um pequeno diálogo antes das histórias. Por exemplo: explicar quem é o autor, porque se escolheu o tema, se o tema coincide com algum acontecimento importante. Também é importante, ao terminar os contos, explicar que não se trata de um encontro casual e o porquê. Fazer perguntas às crianças, estar preparado para responder e ser respondido.

5.4 Conto: sua estrutura e seleção

O trabalho de pesquisa é o que toma mais tempo e dedicação do contador de histórias. Existem muitas variantes da escolha do conto, das quais é preciso cuidar: o gosto pessoal, a idade das crianças, o espaço etc.

a) Motivação

O primeiro aspecto a ser considerado é a motivação: se o contador não sente algo especial pelo conto, é preferível não contar, porque não podemos dar o que não temos. Porém, às vezes, quando contamos com fins específicos como o conto Terapêutico, devemos trabalhar com textos que são indicados, e aí somos obrigados a fazer um esforço e contar com o maior desempenho e vontade .

b) Adequação

Além disso, o conto deve ser adequado ao público. É necessário conhecer a quem se vai contar. Saber as idades e interesses dos ouvintes.

c) Mensagem



A mensagem do conto também tem papel importante hora da escolha. Ela deve ter uma tensão positiva, que permita a reflexão; que se desdobre em significados amplos ao invés de se reduzir a um recado específico.

d)Credibilidade

A credibilidade tem um papel fundamental. Todo conto deve ser verossímil e provável, dentro da fantasia. O narrador deve fazer com que acreditem em sua história, e, para conseguir isso, toda a seqüência deve ser coerente, além do aspecto emotivo da emissão que precisa ser preservado, como se a história atravessasse o narrador.

A estrutura do conto é também um fator importante. Existem ótimos contos modernos que não correspondem à estrutura tradicional (introdução, desenvolvimento, clímax e conclusão), com seqüências cronológicas, porém, ao menos no começo, é preferível escolher contos que tenham essa estrutura tradicional, até que o contador tenha pleno domínio técnico da narração, para constituir o ritmo e as marcações próprios de um conto moderno

A palavra conto é aqui utilizada em sentido amplo: conto, relato, mito, lenda, fábula, crônica.

a)Apresentação

A apresentação não faz parte do conto. Nela o contador apresentará o autor, o título e, se for necessário, algumas informações sobre sua origem (no caso de uma lenda indígena, - por exemplo).

b)Introdução

Deve ser clara e precisa, criando a ação. Geralmente as primeiras palavras indicam se é uma história verdadeira (“Quando eu nasci...”), um conto de fadas (“Era uma vez ...”), uma lenda (“Naquela aldeia...”), um conto de amor (“nunca se viu um



amor tão lindo...”). É importante lembrar que a introdução tem a mesma importância que o fim do conto.

c) Desenvolvimento

É nesta parte que se resolvem todas as dúvidas do público para a compreensão da trama, por isso, é necessário não omitir detalhes. O desenvolvimento deve ter clareza e uma seqüência lógica que faça fluir o conto com harmonia.

d) Clímax

Este é o ponto culminante do conto. O contador deve dar muita ênfase e entonação, nesse momento, deve ter capacidade de poder transmitir toda a emoção desse instante.

e) Conclusão

Deve ser rápida e clara. A voz e a entonação não devem cair. Se o conto tem alguma mensagem, esta deve ser deixada a cargo do entendimento do público, cabendo ao narrador dar-lhes os elementos.

Uma vez escolhido o conto, passamos ao trabalho de preparação. A primeira coisa será a análise, o que facilitará a aprendizagem. A primeira leitura deve ser rápida, do princípio ao fim, atenta. Com essa primeira leitura, devemos ter capacidade para fazer um resumo limitado só ao eixo central: onde está o clímax? Quais são as personagens principais? Em que ambiente se desenvolve a ação? Depois, se o conto for complexo, convém separar as diferentes seqüências.

Deve-se conhecer o conto a fundo, lê-lo muitas vezes, imaginar as situações visualizando os quadros. Mas não pode, de jeito algum, ser decorado: isso destrói a naturalidade de uma frase, de continuar a história.

No entanto, é preciso levar em conta o estilo único do autor que não pode ser diluído no estilo do contador ou pasteurizado na narração linear dos contos tradicionais.



É preciso ter bem claro o esqueleto do conto, ter uma visão objetiva e suas sucessivas etapas. Isto nos dará segurança e tranquilidade na hora de contar, pois macroseqüências permitirão o domínio do conteúdo, enquanto o contador se ocupa em atender a forma do conto.

Se podemos fazer várias vozes, muito bem, mas é preferível contar com uma só voz para todos os personagens (mudando, evidentemente, os matizes, a entonação, volume), que confundir as vozes ou começar com várias e abandoná-las logo. Ter as mãos livres de objetos que não vão ser utilizados e não colocá-las nos bolsos ou atrás das costas ou cruzadas no peito, a menos que isso seja útil à história.

A expressão corporal é importante, pois acentua a troca dos personagens com a mudança das expressões do rosto e atitudes diversas do contador.

Os acessórios a serem usados devem ser mínimos (um guarda-chuva, uma corda, isso se o conto pedir). Se possível, contadores devem apresentar-se com uma roupa de tons , com uma cor em comum, sem acessórios que possam dispersar a atenção das crianças.

O contador deve escapar das sofisticções, vozes afetadas, excessivas, dramatizações ou tons de superioridade. A falta de espontaneidade e naturalidade diminui o efeito realista e sincero do conto, e dificultará “ entrada” do ouvinte na história. Mas a naturalidade não deve empurrar a “falar” o conto de “contar” o conto, a entonação é diferente do falar cotidiano.

As visualizações das imagens - É importante para o contador visualizar as imagens do que está sendo narrado, para, assim, passar para as crianças a sensação de testemunha dos fatos, do lugar e dos acontecimentos.

Para a educação infantil, pode-se pensar em faixa etária para se ter uma idéia dos interesses; porém, isto não precisa ser muito rígido em relação às classificações abaixo:

- **De 3 a 6 anos corresponde à idade realista:** a criança necessita de objeto, personagens e situações conhecidas. Os contos devem ser curtos, muita ação, pouca descrição e repetição, vocabulário leve. O uso de gestos, mímica e onomatopéias são



muito adequados, assim como estilo direto em primeira pessoa. muito importante desses recursos.

- **De 7 a 9 anos é a idade fantástica:** começam a ter consciência do bem e do mal, do negativo e do positivo. As fadas, os duendes e dragões são muito convincentes.
- **De 10 a 12 anos é a idade heróica:** preferem os contos de heróis com cavalheiros valentes; eles se identificam com esses tipos de personagens.
- **A partir dos 13 anos é a idade romântica,** a idade em que precede a adolescência. É uma idade difícil, inclusive, porque se teme também ser considerado infantil. Por outro lado, começa o interesse pelo sexo oposto e o despertar da consciência política e social.

6. Considerações Finais

É de grande valia a participação ativa dos pais na arte de contar histórias para os filhos, pois através da sequência narrativa, a criança começa a entender o mundo ao seu redor, a idéia de tempo, as relações sociais, a complexidade dos conflitos e a interpretação dos sentidos, o que facilitará e abrirá o caminho à leitura.

O lúdico é o elemento que não pode faltar na arte de contar histórias. A fantasia tem uma força muito grande sobre os seres humanos, e foi através das narrações orais que o homem experimentou compartilhar o prazer, sensações, alegria e beleza.

É importante ressaltar que a família é a primeira e principal instância de sustentação e desenvolvimento da criança. É ela que irá fornecer a referência existencial que resultará em um desenvolvimento positivo ou não da criança em seu meio social. O



comprometimento dos pais na educação dos filhos irá favorecer no desempenho escolar da criança.

7. Referências Bibliográficas

CHAVES, Otília. **A Arte de Contar Histórias**. Rio de Janeiro, Confederação Evangélica do Brasil, 1952.

COELHO, Betty. **Contar histórias, uma arte sem idade**. São Paulo, Ática, 1986.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura Infantil e Contação de Histórias**. Viçosa – MG, CPT, 2006

GOTILIEB, Nária. **O conto**. São Paulo, Ática, 1989 (Coleção Princípios)

PROPP, Wladimir. **A morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro, Forense, 1984.

TAHAN, Malba. **A arte de contar histórias**. Rio de Janeiro, Conquista, 1957

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988